

Globalização: processo histórico ou fenómeno recente?

Jornadas sobre a Globalização

Nos dias 8 e 9 de Maio de 2002, o Instituto Politécnico de Leiria ofereceu à cidade e sua região dois dias de grande intensidade científica e de grande reflexão e discussão sobre alguns dos temas fundamentais da problemática da globalização.

O conceito e a sociedade

A globalização da economia, da sociedade e da cultura, fenómeno relativamente recente, assume, como sabemos, múltiplas e variadas facetas que podem e devem ser pensadas interdisciplinarmente. Por isso mesmo, o novo auditório do IPL viu assim entre nós, académicos, catedráticos de várias universidades, investigadores nacionais e estrangeiros, empresários e juristas num trocar de ideias sobre os prós e os contras da globalização. Diz-se, hoje, que a economia se globalizou. Contudo, a tecnologia continua localizada. Assiste-se a uma mudança de conceitos: fala-se hoje mais de global e menos de universal.

O século XX, ainda muito próximo, foi atravessado por duas grandes revoluções científicas, a quântica e a informática, que modificaram as formas de pensar e de agir.

Durante dois milénios, o homem acreditou que a lógica era única, imutável. A partir de meados do século XIX passou a falar-se de história da lógica, portanto, de algo mutável. Também o universo era considerado eterno e imutável e hoje não é mais visto assim. As lógicas quânticas modificaram os axiomas da lógica clássica. A tecnologia teve um desenvolvimento estrondoso mas os seus efeitos sociais não foram uniformes. O abismo entre as culturas aumentou. Como diz Basarab Nicolescu, um físico teórico do CNRS, "A separação entre ciência e cultura gerou o mito da separação entre Ocidente e Oriente. O Ocidente, depositário da ciência enquanto conhecimento da natureza,



José Sobral, Ricardo Vieira, Daniel Proença de Carvalho e José Madureira Pinto

e o Oriente, depositário da sabedoria enquanto conhecimento do ser humano". Visão artificial, dualista, dizemos hoje alguns de nós.

O desejo do século XIX, de uma cultura única para uma sociedade mundial, baseado nos benefícios trazidos pela ciência, caiu por terra. Os factos mostram o contrário: cada vez mais aquilo que víamos como uma cultura uma aparece agora como um processo dinâmico de identificações e de diferenciações, conduzindo à fragmentação do social e do pessoal. Também o sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que nem sempre são unificadas em torno de um eu coerente.

A globalização não é, portanto, apenas mais uma coisa, mais um palavrão social que pouco mexe com o individual. A globalização leva a reconstruções identitá-

rias, na escola da vida e na vida da escola. A globalização influencia aspectos íntimos e pessoais da vida de todos nós. Vivemos em sociedades de mudança, de mudança rápida e constante. Sociedades,

O desejo do século XIX, de uma cultura única para uma sociedade mundial, baseado nos benefícios trazidos pela ciência, caiu por terra.

de futuro incerto. As pessoas confrontam-se, assim, a todo o momento, com a mudança e que fazem? Aderem uns, resistem outros, outros fingem, e outros, ainda, adaptam-se.

Globalização: é tudo e não é nada. É um conceito mágico, uma *password*, dizia há dias José Augusto Mateus num encontro congénere em Coimbra.

O mundo tornou-se mais pequeno e, contudo, anda-se cada vez mais depressa. Emergem problemas que não são unicamente nacionais. Os problemas ambientais, por exemplo, não são apenas nacionais. São locais e do próprio planeta Terra.

Por outro lado, alguns países tornaram-se mais parecidos; contudo, as suas regiões tornaram-se mais diferentes.

"Quando a imagem de Nelson Mandela nos parece ser mais familiar do que a do vizinho que mora na porta ao lado da nossa, é porque qualquer coisa mudou na nossa vida." (Giddens, O mundo na era da globalização, p. 23).

Em termos de crescimento e desenvolvimento, a economia da oferta parece dar lugar à economia da procura. Fala-se da economia estar ao serviço das pessoas. A questão central é: como usar o conhecimento, a ciência, a educação, etc., para criar qualidade de vida?

"Alimentada pelo dinheiro electrónico - isto é, dinheiro que só existe como informação digital nos discos dos computadores - a economia do mundo actual não tem paralelo com a das épocas anteriores" (Giddens, O mundo na era da globalização, p. 21).

Mas será a globalização a construção do paraíso? Ou, antes, a infernização da vida na Terra?

As respostas são complexas e vão das mais optimistas às mais pessimistas. Não tivemos a ambição de chegar a conclusões muito "conclusivas" com esta Jornada. Cremos, isso sim, que saímos todos mais ricos com a intensidade e reflexividade das comunicações e discussões destes dois dias de jornadas científicas.

Contudo, estamos certos que muito teremos que aprender, para ensinar a aprend

"Quando a imagem de Nelson Mandela nos parece ser mais familiar do que a do vizinho que mora na porta ao lado da nossa, é porque qualquer coisa mudou na nossa vida."

der a viver num mundo onde queremos ser, ainda que paradoxalmente, iguais e diferentes.

Globalização, Cultura e Identidades

O primeiro conferencista destas Jornadas foi João Arriscado Nunes, do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Na sua exposição, começou por desconstruir a noção de globalização e colocou em questão o próprio conceito: "de que falamos quando falamos de globalização? De um fenómeno novo, surgido nas décadas

finais do século XX, ou de expressões novas de um fenómeno que tem acompanhado a economia/mundo capitalista desde a sua emergência, no "longo" século XVI?". O orador considerou que não existe um processo único de globalização. No seu entender, existe sim um processo de globalização hegemónica que, no entanto, é contrariado por movimentos de contra-globalização ou, pelo menos, contra um certo modelo de globalização. Por isso, questiona: "Serão os movimentos que têm proliferado nos últimos anos em várias partes do mundo apenas formas de resistência ou oposição à globalização ou, antes, manifestações de formas de globalização contra-hegemónicas, construídas de "baixo para cima"?

No entender de João Arriscado Nunes, mesmo as manifestações anti-globalização não são, de facto, anti-globalização uma vez que esses movimentos assentam em redes fortes de organização global. Por outro lado, evocou ainda vários exemplos de como existem hoje formas diferenciadas de articulação local/nacional/global.

Brian O'Neill, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, apresentou o exemplo da comunidade de *Portuguese Eurasians*, euroasiáticos de descendência portuguesa que habita o Bairro Português de Malaca, na Malásia. Embora



Cristiana Bastos e Brian O'Neill

...



Henrique Neto e Manuel Brandão

o antropólogo afirme que na sua comunicação nenhuma perspectiva é "derivada directamente das teorias da globalização" esta população é "um excelente exemplo vivo de processos culturais, linguísticos e religiosos, da lenta mundialização dos séculos XV e XVI". A cultura destes "portugueses de Malaca" é constituída por uma identidade "exageradamente identificada com tudo o que provém de Portugal". As influências são particularmente notadas na gastronomia, na língua e no folclore levado pelos portugueses nas décadas de 40 e 50.

Contudo, Brian O' Neill problematiza o que é a cultura tradicional, quando assistimos, como neste exemplo, à recriação identitária e a todo um folclore transplantado. Por isso centrou, basicamente, a sua comunicação em três tópicos: A natureza deslocada das identidades crioulas, o estilo da polivalidade da etnografia neo-pós-moderna e as práticas de resistência cultural que demonstram provas de acção social retaliatória da parte de uma minoria aparentemente ameaçada de extinção social.

Globalização, Escola e Cidadania

Recusando uma visão negativista que considera a globalização como sinónimo de "cortes, redimensionamento e re-

duções", Susan Robertson da University of Bristol abordou a temática da educação em termos históricos, sociais, económicos e políticos.

Com o poder crescente da Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Acordo Geral sobre Tarifas de Comércio (GATS) a educação tem vindo a ser encarada,

(...) a educação tem vindo a ser encarada, cada vez mais, como um produto empresarial, que pode ser lucrativo e vendido no mercado global.

cada vez mais, como um produto empresarial, que pode ser lucrativo e vendido no mercado global. Num contexto em que começa a ser difícil falar de cidadania

em termos nacionais a "educação deixará de poder ser reclamada como um benefício social do país, que deve ser preservado do mercado." No entanto, o Estado deve ter um papel regulador e garantir que todos tenham acesso à educação. Estando o conceito de cidadania a ser afectado pelo novo contexto social, a oradora considerou necessário redesenhar políticas e redefinir os direitos do cidadão.

No seu entender, alguns vêem as análises dos processos da Organização Mundial do Comércio e as prováveis implicações para os regimes educativo e de cidadania nos estados nacionais como especulativas e, como tal, inválidas. É preferível contrariar essa posição, sugerindo que é precisamente o que devemos fazer para melhor compreendermos os seus efeitos prováveis. E, tal como Harvey (1982) observa, mudanças de escala e processos de territorialização são movimentos relacionais levados a cabo por actores. O que se requiere é uma abordagem mais sofisticada à dinâmica da globalização e aos desafios à cidadania, baseada na nação e no território inerente à política da globalização.

"Sem desenvolvermos uma noção mais abrangente de cidadania, como é sugerido nos regimes de cidadania, somos levados para um exame dos direitos, responsabilidades e temas de acessos. É aqui que eu creio que a Organização Mundial do Comércio, através da educação afectará a cidadania".

Stephen Stoer e António Magalhães, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, abordaram a temática da cidadania com a comunicação "Novas Cidades e a Reconfiguração do Contrato Social".

Com os novos contextos políticos, económicos e sociais, o conceito de Estado-Nação, ou até o próprio conceito de território, alterou-se significativamente: por um lado, "as unidades supranacionais debilitam a soberania dos Estados [...] e o sentimento de pertença dos indivíduos aos espaços nacionais. Por outro

lado, o local, a diferença e o factor étnico parecem estar a emergir como importantes estruturadores da cidadania" ou seja, o conceito de cidadania tradicionalmente definido pelo património comum, passa a ser pensado a partir das diferenças étnicas, físicas ou locais. Os autores reivindicam o conceito de cidadania como sendo da "ordem do reclamado", em que os indivíduos procuram decidir acerca do seu modo de vida e do seu posicionamento social: "a cidadania já não é da ordem do atribuído, o que significa que a cidadania já não resulta imediatamente da pertença a qualquer categoria social nacional, mas é da ordem do reclamado. A soberania que os indivíduos e os grupos cediam no contrato social moderno é agora reclamado de volta, isto é, os indivíduos e os grupos querem decidir acerca do modo como vivem, como se educam, como cuidam de si, como se reproduzem, etc."

Globalização, Crescimento e Desenvolvimento

O empresário Henrique Neto considerou ser difícil ter uma posição definitiva sobre a globalização. Na sua comunicação intitulada "Globalização Enquanto Oportunidade" o empresário prefere "aceitar que se trata de uma evolução natural das sociedades humanas" e "uma oportunidade para a economia e para o desenvolvimento global do nosso planeta". Para o orador, a "contestação pura e simples da globalização, não é uma posição útil nem sustentável" e só poderá ser eficaz "com objectivos concretos de solidariedade global" que poderão passar por medidas como a transferência global de recursos dos países ricos para os países pobres, através de uma taxa de 1% sobre o consumo dos países desenvolvidos, uma ideia que já havia defendido anteriormente. Depois de enumerar uma série de efeitos positivos e negativos da globalização, Henrique Neto terminou afirmando que esta pode ser aproveitada para construir "uma sociedade humana globalmente mais livre, mais pacífica e mais justa".

O debate transportou ainda Henrique Neto

para a análise da deslocalização e das mudanças ocorridas em Leiria e Marinha Grande a propósito da globalização das suas empresas. No seu entender, o eixo Leiria-Marinha Grande será, num prazo de 10 anos, a maior referência industrial portuguesa.

João Salgueiro, da Associação Portuguesa de Bancos, começou por alertar para o facto de vivermos num mundo global em constante mudança, uma ideia que Portugal parece não ter interiorizado. Deste modo, avisa: "quem prevê a mudança e a orienta, ganha sobre quem não a prevê e deixa que as instituições morram de morte natural".

O orador deu o exemplo da Inglaterra que tinha têxteis, minas de carvão e as maiores indústrias siderúrgica e naval do mundo, e que, ao constatar que estavam a perder competitividade, resolveu reconverter a economia para os sectores de serviços, financeiro e de alta tecnologia. Em Portugal a tendência é para proteger a indústria tradicional, mesmo que seja economicamente inviável.

"... [a globalização] pode ser aproveitada para construir "uma sociedade humana globalmente mais livre, mais pacífica e mais justa"

lhores materiais, vão localizar as indústrias que requerem mão-de-obra intensiva nos sítios onde a mão-de-obra é mais barata, vão localizar os centros de investigação junto das melhores universidades, vão localizar o planeamento financeiro em Londres ou Nova Iorque, que é onde se



A este respeito referiu que "devemos estar atentos ao que vai acontecer e não pensarmos que o que temos vai durar. Porque não vai durar!"

No mercado global "as multinacionais vão localizar as fontes de produção onde há me-

trabalha melhor, e vão localizar os lucros em *off-shores*, não se pagam impostos". Consciente de que esta nova ordem mundial não é a melhor ordem para se viver, o orador afirma que os governos devem trabalhar para que haja mais e melhor regu-

...
lação dos mercados, mas que esta tem que ser criada num contexto internacional e com o acordo das grandes potências mundiais.

Num tom pragmático afirma: "Podemos moralizar este mundo? Portugal pode? Não pode!"

Defendendo uma perspectiva algo diferente da de João Salgueiro, Rogério Roque Amaro, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, iniciou a sua intervenção considerando que a sua abordagem não é propriamente antagónica mas, antes, complementar. Se a intervenção anterior tinha sido marcada pela constatação do "que é", a sua seria marcada mais pelo "dever ser".

A seu ver, existem vantagens no processo da globalização: crescimento económico, aumento das oportunidades de negócio, dos mercados e dos modelos de consumo. Só que existem muitos países que partem para esta competição no mundo globalizado com um enorme atraso face à concorrência, o que leva a um agravamento das assimetrias, que se "aproximam das que nós tínhamos no princípio do século XIX".

Para o orador, a competitividade não pode ser pensada independentemente da coesão social: o 11 de Setembro ou a instabilidade na Palestina são dois exem-

plos da insegurança resultante da falta de coesão social. Do mesmo modo, o desenvolvimento não pode ser encarado independentemente das suas repercussões sociais.

A diversidade cultural, religiosa e étnica pode levar à insegurança. Por isso, "podem ser uma bomba relógio". Só uma esclarecida articulação entre a diversidade, a solidariedade e a sustentabilidade pode levar a uma nova política de desenvolvimento, através do desenvolvimento integrado, síntese do desenvolvimento sustentável, local, participativo, do *empowerment* e do desenvolvimento humano e social.

Por isso, defende um conceito de globalização que "compatibilize o económico com o social, o cultural, o político e o ambiental; o universal com a diversidade".

"É uma utopia" pergunta Roque Amaro. "Estamos no caminho!", responde, "por uma questão de sobrevivência".

Globalização, Soberania e Democracia

José Sobral, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, criticou o modelo de globalização marcado pela noção de supremacia económica, política e cultural dos Estados Unidos.

O orador concentrou a sua intervenção no conceito de Estado-Nação, conceito associado à identidade dos povos, que es-

A "soberania do Estado tem vindo a ser afectada e limitada pelo processo de globalização" pelas organizações internacionais (políticas ou económicas), pelas empresas multinacionais ou pelas organizações não governamentais e o próprio conceito de Estado tenderá a ser, cada vez mais, diluído.

tá a ser posto em causa pelo processo de globalização.

A "soberania do Estado tem vindo a ser afectada e limitada pelo processo de globalização" pelas organizações internacionais (políticas ou económicas), pelas empresas multinacionais ou pelas organizações não governamentais e o próprio conceito de Estado tenderá a ser, cada vez mais, diluído.

A globalização veio, igualmente, pôr em movimento "processos diferentes e contraditórios". Existe um sentimento nacionalista de resistência à globalização: "nos países desenvolvidos, contra os emigrantes", com os fenómenos de extrema-direita na Europa, por exemplo; e nos "países pobres, com uma reacção nacionalista às políticas dos países desenvolvidos", de que são exemplo a Argentina e a Venezuela.

Quer isto dizer que, apesar do conceito de Estado-Nação estar questionado, "não parece que o poder da identidade esteja enfraquecido na Era da Globalização".

José Madureira Pinto, professor da



José Sobral, Ricardo Vieira e José Madureira Pinto

Faculdade de Economia da Universidade do Porto, iniciou a sua intervenção afirmando que ele próprio era "uma vítima da globalização" ao ser alvo das leis da oferta e da procura, neste caso, perante uma audiência à procura de algo de novo. "O que é que eu tenho a dizer de novo?", perguntou o orador, afirmando que a qualidade das intervenções que tinha ouvido ao longo do dia, ainda lhe causavam uma certa ansiedade.

Contrariamente a algumas intervenções que tinha ouvido, lançou a ideia de que "a globalização é reformável", recusando o posicionamento dos economistas que "têm a tendência para privilegiar o que é". E deu um exemplo: todos os dias ocorrem 800 a 900 acidentes de trabalho em Portugal, e morre uma pessoa, possivelmente um ucraniano.

A globalização favorece a desregulamentação do mercado em nome da competitividade. Multiplicam-se os riscos ambientais, de desemprego, as deslocalizações, os fluxos migratórios incontroláveis (e com eles a insegurança), as crises bolsistas e até os conflitos armados. Nasceu um novo conceito que é o conceito de sociedades de risco.

Para Madureira Pinto, o Estado-Nação tem um papel regulador insubstituível, mas, num mercado que é cada vez mais transnacional, a legislação tem que ser feita em termos internacionais, de que são exemplo as directivas comunitárias. Finalmente, o orador chamou a atenção para a necessidade do avanço das tecnologias da comunicação ser usado em representação de valores ideológicos, do mesmo modo que tem sido indispensável no desenvolvimento dos mercados financeiros: "tem de haver um contraponto ideológico a esse ritmo de competitividade voltada para si mesma". Por isso se auto-designou de reformista: "Estamos condenados a conviver / viver com a globalização tal e qual ela está por aí? Eu sou reformista... ainda que o conceito possa não ser politicamente correcto". Começando por afirmar que é um observador e não um "estudioso destas matérias", Daniel Proença de Carvalho, advogado, cri-



Stephen Stoer

ticou o modo "excessivamente ideológico" com que se tem discutido por vezes a globalização. "A globalização não foi decretada!" referiu, considerando que existem aspectos positivos e negativos na globalização e que devemos todos fazer um esforço para nos adaptarmos a esta nova realidade.

Nos aspectos negativos, o orador aponta a má distribuição das poupanças, as disparidades na riqueza e a homogeneização do pensamento único. Nos aspectos positivos, destaca o aumento da prosperidade mundial, a expansão do comércio

mundial e o aumento nos fluxos de informação.

Este último ponto toca no conceito de soberania e na restrição dos poderes do Estado-Nação que "tem vindo a recuar em benefício das organizações de natureza mundial". Também aqui Daniel Proença de Carvalho vê aspectos positivos (no caso de Estados autoritários) e negativos (quando se "corta" a liberdade às Nações). Finalmente, ao abordar o conceito de democracia, considerou que o chamado pensamento único, baseado na ideia de democracia política / economia de mercado, não leva a movimentos políticos extremistas, como por vezes tem sido considerado. O orador dá o exemplo de países como os Estados Unidos, o Reino Unido e a Alemanha, países que não têm conhecido grandes fenómenos de extrema-direita: "a meu ver o problema é outro: o de compatibilizar a democracia política, economia de mercado e liberdade com autoridade, combate à criminalidade e segurança."

Para terminar "com algum optimismo" afirmou que "a insegurança é normal num mundo em mudança" e que, por isso "se tende a diabolizar o fenómeno da globalização".

Mas deixou um aviso: "Temos que nos adaptar a uma situação que nós não podemos vencer".

Ricardo Vieira

(Presidente do Conselho Pedagógico da ESE-Leiria e membro da Organização)

A globalização favorece a desregulamentação do mercado em nome da competitividade. Multiplicam-se os riscos ambientais, de desemprego, as deslocalizações, os fluxos migratórios incontroláveis (e com eles a insegurança), as crises bolsistas e até os conflitos armados. Nasceu um novo conceito que é o conceito de sociedades de risco.